SED SI NON ESSENT TECTA, QUID FACERENT LAQUEARIA PICTA? HUGO PECCATOR, OS TEMPLÁRIOS E A FUNÇÃO DA *MILITIA* NA CASA DE DEUS

SED SI NON ESSENT TECTA, QUID FACERENT LAQUEARIA PICTA? HUGO PECCATOR, LES TEMPLIERS ET LA FONCTION DE LA *MILITIA* DANS LA MAISON DE DIEU

Bruno Tadeu Salles[1]

Resumo: Propomos, através deste texto, realizar algumas observações e análises sobre a carta de Hugo Peccator aos cavaleiros de Cristo, atribuída ao primeiro mestre da Ordem do Templo, Hugo de Payns. Sustentamos que este é um documento muito importante para examinar a construção da identidade dos cavaleiros templários durante o século XII.
Palavras Chave: Hugo Peccator, templários, cruzadas, cavalaria.

Resumé: Nous proposons, par ce texte, faire quelques observations et analyses sur la lettre d'Hugues Peccator aux chevaliers du Christ, attribuée au premier maître de l'Ordre du Temple, Hugues de Payns. Nous soutenons que c'est un document très important pour examiner la construction de l'identité des templiers pendant le XII[e] siècle.
Mots-Clé: Hugo Peccator, templiers, croisades, chevalerie.

São Bernardo de Claraval, por volta de 1127, escreveu um tratado, intitulado *De Laude Novae Militiae* [2], uma exortação militar na

[1] Mestre em História Medieval pela Universidade Federal de Minas Gerais e atualmente doutorando da mesma instituição. Desenvolve pesquisas sobre a cavalaria e a Ordem dos templários no âmbito de suas relações com os poderes secular e eclesiástico – e-mail: letemplier2003@yahoo.com.br

[2] Tradutores como Gregório Diez Ramos (1953-1955, p. 853) situam esse tratado entre os anos de 1132 e 1136, após o concílio de Troyes em 1129, no qual os Templários foram oficialmente reconhecidos pelo Papado e obtiveram sua Regra. Já Jean Leclercq (1957, p. 81-82), tendo em vista as dificuldades de definir uma data específica, acha mais prudente atribuir o tratado a uma data anterior a 1136, ano da morte do cavaleiro que demanda a São Bernardo o tratado, Hugo de Payns, primeiro mestre dos Templários. Todavia, concorda-se com as observações de Alain Demurger (2005, p. 60-61) que situa o texto referido entre 1126 e 1129. Demurger chegou a essa conclusão tendo em vista que, no tratado, os Templários não são definidos enquanto Ordem, mas apenas como cavalaria e que aquela era apenas uma "promessa", algo que, naqueles anos, estava apenas no devir.

qual ele apresentou suas conclusões sobre as práticas militares e quotidianas de um grupo de *milites*[3] que, em 1120, decidiram defender os peregrinos cristãos do reino de Jerusalém formando uma espécie de confraria militar. Este grupo era composto pelos primeiros cavaleiros templários. No contexto das Cruzadas, da necessidade de garantir a segurança do reino de Jerusalém, São Bernardo pretendeu animar estes *milites* em sua decisão e em sua responsabilidade.

Entretanto, a exortação do abade de Claraval não foi uma obra espontânea, ela nasceu, sobretudo, da demanda do *miles* Hugo de Payns. Este *miles* era o líder daquele grupo de cavaleiros que se propunha defender os peregrinos cristãos nos caminhos para os lugares santos. São Bernardo disse no prólogo de seu texto: *Uma, duas e mesmo três vezes, salvo o erro, meu muito caro Hugo, tu tens solicitado de minha parte um escrito de exortação para ti e teus companheiros de armas* (SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, *De Laude Novae Militiae*. In: *Sources Chrétiennes*. v. 367, t. 31, p. 48. trad. nossa).

Hugo de Payns é uma personagem fundamental para compreender aquele tratado, e, por conseguinte, os inícios da Ordem do Templo. É para Hugo e sobre Hugo que São Bernardo escreveu. Nós pudemos analisar e problematizar a participação de São Bernardo naqueles inícios e na ascensão da Ordem após o Concílio de Troyes em 1129, onde os templários foram oficialmente reconhecidos pelo Papado. Em nossa pesquisa de mestrado, demonstramos a importância da perspectiva social e política de São Bernardo para a construção da representação e da identidade da Ordem do Templo (SALLES, 2008). Além disso, verificamos o significado da ação de Hugo de Payns para a concepção militar do Santo, cuja pista principal foi a passagem que citamos do *De Laude Novae Militiae*.

Anos após a composição do *De Laude Novae Militiae*, por volta de 1184, o arcebispo da cidade de Tiro, Guilherme, escreveu que Hugo e outros *milites* procuraram o clero do reino de Jerusalém, o qual estabeleceu para eles o dever de defender os peregrinos cristãos. Esta determinação clerical seria uma espécie de penitência para a remissão dos pecados daqueles cavaleiros (GUILHERME DE TIRO, *Historia*

[3] Milites: nominativo ou acusativo plural de miles – cavaleiros.

Rerum in Partibus Transmarinis Gestarum. In: *PL*[4]. v. 201, p. 526-527). Segundo a crônica de Ernoul, o continuador de Guilherme, alguns cruzados, insatisfeitos com sua ociosidade e submissão aos cônegos do Santo Sepulcro, decidiram escolher um líder entre eles e se comprometer efetivamente com a defesa de Jerusalém (ERNOUL, *Chronique d' Ernoul,* In: *Chronique d' Ernoul et de Bernard Trésorier,* p.7-9). Estes cruzados insatisfeitos eram Hugo de Payns e seus companheiros *milites*, a quem o arcebispo de Tiro se referia em seu relato.

Guilherme de Tiro enfatizou o papel do clero do reino de Jerusalém e sublinhou que a fundação da Ordem do Tempo era iniciativa do mesmo. Hugo e os outros apenas aceitaram a responsabilidade imposta. Todavia, Ernoul pôs em relevo a insatisfação daqueles *milites*. Portanto, para Ernoul, o papel e a iniciativa de Hugo e seus companheiros seriam mais relevantes que no recito de Guilherme. Nós percebemos as diferentes perspectivas e percepções da ação de Hugo e dos inícios da Ordem do Templo nos diferentes cronistas.

É necessário reafirmar, a propósito de Hugo, que, alguns anos após a fundação da confraria, ele demandara a São Bernardo uma exortação para animar os *milites* em seus esforços militares na Terra Santa. Por outro lado, Guilherme de Tiro nos relatou as determinações do clero para a remissão dos pecados daqueles *milites*; defender os peregrinos. Já o cronista Ernoul falou da insatisfação dos cavaleiros com a dependência dos cônegos do Sepulcro e seu desejo de conduzir um combate mais efetivo. Ou seja, identificamos relações que tiveram o centro em Hugo e seus *milites* – contatos com São Bernardo, convívio com os cônegos do Sepulcro, interações com o clero e outras autoridades do Reino de Jerusalém. As qualificações que podemos atribuir para aquelas relações demonstram sua complexidade: determinação do clero para a remissão dos pecados, insatisfação com os cônegos, procura de apoio junto a são Bernardo, etc.

Assim, ao estudarmos os inícios da Ordem do Templo, tivemos como ponto de partida os problemas e as inquietações que os *milites* exprimiram ou que os outros posteriormente lhes atribuíram. Nós procuramos situar aqueles problemas e inquietações no contexto das

[4] *Patrologia Latina - Patrologiae: cursus completus. Series secunda, in quo prodenunt patres, doctores scriptoresque eclesiae latinae – a Gregorio Magno ad Inocentium III.*

relações entre a Igreja e a cavalaria. Como suporte para esse estudo, observamos a existência de uma carta. Esta missiva foi escrita por um tal Hugo Peccator e endereçada aos *milites* templários. Neste texto, Hugo Peccator falou sobre o trabalho militar, justificando seu oficio. É possível que a função dos *milites* templários na Palestina não tivesse o apoio, o entusiasmo e a atenção de alguns de seus contemporâneos.

Em princípio, aquela carta foi atribuída ao cônego Hugo de Saint-Victor. Todavia, Demurger (2005, p. 56) observou que "as relações entre Hugo de Saint-Victor com o Templo eram inexistentes". Além disso, se fosse ele o autor do texto, não o teria endereçado diretamente aos templários, mas a Hugo de Payns, seu mestre, como o fizera Guido, prior dos Cartuxos em 1127 (GUIDO CARTUXO, *Lettre à Hugues, prieur de l'Ordre du Temple*. In: *Sources Chrétiennes*. v. 88, t.1, p. 154-161).

Jean Leclercq (1957, p. 84) destacou que as idéias da carta são aquelas de alguém que vivia com os templários, que conhecia "seus pensamentos e suas tentações". Além do mais, o latim, idioma da carta, é um latim simples, que qualquer laico, com algum conhecimento, poderia escrever e a maioria das citações bíblicas não está em conformidade com o texto sagrado. Portanto, assim como Demurger e Leclercq, sugerimos que Hugo Peccator e Hugo de Payns são a mesma pessoa.

A carta foi escrita provavelmente entre a viagem de Hugo ao Ocidente em 1127 e o concílio de Troyes em 1129. A carta falava das dúvidas e das inquietudes dos primeiros templários. Aquelas dúvidas e inquietudes seriam derivadas das tentações do diabo. Este, encarnado nas críticas de algumas pessoas, se esforçava por mostrar aos cavaleiros que sua profissão de portar e utilizar armas não seria um caminho renomado ou legítimo para a salvação. Como sublinhou a historiografia e como pudemos apreender a partir da carta de Hugo Peccator, os templários não estariam muito seguros quanto a seu futuro e sua atividade de proteção dos peregrinos. Hugo afirmava que o diabo se ocupava por dissuadir os cavaleiros da bondade e da utilidade de sua ação, forçando-os a depor as armas (HUGO PECCATOR, *Lettre aux Milites Christi*. In: *Revue de l'Histoire Ecclésiastique*, nº. 52, 1957, p. 86-87).

A carta é uma espécie de "exegese militar" ou interpretação bíblica cavaleiresca que ajuda a construir e a traduzir uma leitura do ofício militar e de sua inserção na sociedade. Ele tenta alertar e precaver os cavaleiros quanto a possíveis tentações e artimanhas do diabo. As

referências aos textos de São Paulo são marcantes no decorrer do documento, sobretudo para salientar a necessidade de se permanecer na vocação definida por Deus – idéia de estabilidade e de solidariedade dos diferentes misteres componentes da sociedade – e para evidenciar a garantia de recompensa daqueles que trabalham para o Senhor, no presente caso, os cavaleiros templários – idéia de exortação e de garantia de reconhecimento.

A carta é reveladora da necessidade de legitimar a continuidade de um ofício e de fazer a apologia de sua utilidade. É uma carta escrita por um *miles* a seus *commilitii* na qual um cavaleiro defende a cavalaria e sua função na casa de Deus. Indício de um cristianismo militar ou que se origina a partir da *militia*. Hugo encontrava sua justificação nos extratos da Bíblia que puderam sustentar a atividade cavaleiresca no contexto das Cruzadas e evidenciar as fraudes do diabo que tentaria desviar os cavaleiros de suas atividades. Mesmo que os extratos bíblicos mobilizados por Peccator não façam referência direta a atividade militar ou a sua justificação, eles afirmavam, no imaginário de Hugo e de seus companheiros, a utilidade e a legitimidade da cavalaria ou das práticas cavaleirescas no mundo.

Ou melhor, a Bíblia contribuiu para a construção de um imaginário militar alicerçando seu caráter legítimo na humildade e na utilidade dos cavaleiros templários. Um imaginário militar definido como um conjunto de imagens e representações que tinham um significado específico para os *milites* templários e que lhes fornecia, no desenrolar de suas interações, uma interpretação ou um "quadro" de sua realidade (LAPLANTINE & TRINDADE, 1996).

Hugo fez uma apropriação singular do escrito bíblico. Apropriação singular no sentido de ser constituída em escolhas e ênfases cristãs baseadas na necessidade de defender a justiça de seu labor. Trata-se não somente de uma espécie de "exegese", como dissemos anteriormente, mas Hugo Peccator interpretou e demonstrou uma visão própria das categorias de organização social. Esta visão pode ser identificada na representação da sociedade enquanto um corpo – inspirada provavelmente na carta de São Paulo aos coríntios: [1Cor. 12,15] – e como uma casa.

O pé que toca a terra, mas sustenta todo do corpo, e o teto que resiste às intempéries para proteger as pinturas das casas formaram

uma linguagem simbólica que enfatizava a importância dos *milites*. Logo, a linguagem da relevância do labor dos *milites* se fundava sobre a simplicidade e sobre a contribuição indispensável de elementos simbólicos muito humildes, mas ao mesmo tempo muito úteis: os pés e o teto.

Sentimentos de humildade e de utilidade ressaltaram o caráter indispensável da cavalaria através de símbolos – os pés e o teto – ou de relações simbólicas específicas – os pés e os olhos, os tetos das casas e as pinturas ornadas. Nesse jogo complexo, a cavalaria se aproximaria mais dos pés e dos tetos do que dos olhos[5] ou das pinturas. Poder-se-ia atribuir à imagem dos pés uma ligação direta com a cavalaria. Porém, afirmar que os pés representassem, para Hugo, a cavalaria, mostrou-se enganoso, na medida em que aquele símbolo seria invocado apenas para ilustrar aos *milites* que, se até mesmo os pés que tocam a terra tinham uma importância fundamental, por que os cavaleiros não teriam? A cavalaria não estava representada pelos pés, mas se aproximava destes na medida em que seu ofício era tão útil e tão desconsiderado quanto o deles. Na carta, o esforço de Hugo era exatamente combater aquela desconsideração pelo reforço do sentido da humildade/utilidade e pela reivindicação da justa recompensa segundo o labor de cada um.

Já o símbolo do teto, empregado por Hugo, pode ser diretamente relacionado à cavalaria devido à idéia de proteção que ele evocava: *Tecta domorum imbrem et grandinem et ventos accipiunt; sed si non esset tecta, quid facerent laquearia picta?* HUGO PECCATOR, *Lettre aux Milites Christi*. In: *Revue de l'Histoire Ecclésiastique*, nº. 52, 1957, p. 87). Ou seja, os tetos protegem a casa das intempéries, logo, se não fosse por eles, não haveria ornamentos. Hugo desejaria argumentar que, se não fossem pelos *milites*, os cristãos estariam expostos às violências de seus inimigos.

Deve-se ressaltar que Hugo escreveu após a primeira Cruzada (1099). Logo, a insegurança e a ameaça do Islã deveriam ter uma influência considerável no imaginário das pessoas, sobretudo dos *milites* daquela região. Os tetos, assim como os pés, exercem um trabalho simples, mas imprescindível e indispensável. Nesse sentido, este trabalho

[5] Como observou Senellart (2006, p. 103) a representação do clero como os olhos da sociedade era bem antiga: No século VII, na Espanha Visigótica, os bispos reunidos em um Concílio em Toledo atribuíam-se a função de olhos no corpo místico da Igreja.

se torna merecedor de sua recompensa. O sentido de recompensa na carta de Hugo pode significar a salvação das almas militares, os espólios tomados aos inimigos e as orações e doações feitas pelos cristãos em intenção dos *milites* que lutavam na Terra Santa, especificamente os templários.

Hugo Peccator falou muito das tentações do diabo, o qual, ao invés de dizer para os cavaleiros fazerem más ações – rapinas, violência, excessos, extorsões e outros atos repudiados pelos clérigos, sobretudo nos documentos concernentes a Paz e a Trégua de Deus no século XI (DUBY, 1989, p. 37-47) – os atentava dizendo para procurarem um ofício melhor ou mais elevado, como o monasticismo. Assim, pelos pecados da instabilidade e da soberba, os cavaleiros descumpririam as determinações divinas, abandonariam seu ofício e colocariam em risco as suas almas.

Se considerarmos textos como a referida carta escrita por Guido dos Cartuxos e a *Vita Prima* de Guilherme de Saint-Thierry, escrita por volta de 1148, podemos perceber que tipo de pessoas tomavam a figura de "diabos" que atentavam os templários. Guido escrevera a Hugo de Payns que ele não poderia ter a pretensão de dominar os inimigos externos se ainda não havia dominado os inimigos internos, ou seja, se ele não vencera seus defeitos pessoais e seus vícios, como poderia lutar contra os muçulmanos? (GUIDO CARTUXO, *Lettre à Hugues, prieur de l'Ordre du Temple*. In: *Sources Chrétiennes*. v. 88, t.1, p. 154). Já Guilherme de Saint-Thierry, através do relato da juventude de São Bernardo, explicitara uma concepção militar na qual estabelecia que o abandono das armas e oficio monástico eram os únicos caminhos legítimos para a salvação dos cavaleiros (GUILHERME DE SAINT-THIERRY, *Vita Prima*. In: *PL*, v. 185, t. 01, 1855, p. 225-268).

Ou seja, para muitos clérigos, mesmo o oficio militar empenhado em prol da cristandade não era visto como um caminho seguro para a Salvação. Exatamente, Hugo Peccator construía seu argumento contra esse discurso. Logo, ele e os inícios da Ordem do Templo são importantes para compreender a construção da identidade da *militia* na Idade Média. A repercussão da iniciativa dos primeiros templários e a exposição de suas inquietudes a seus contemporâneos – São Bernardo, Guido dos Cartuxos, o rei Bauduino II de Jerusalém, os cronistas e, sobretudo, o Papado – demonstravam que aqueles inícios formaram

uma parte complexa de relações e de interesses cujo eixo principal seria a carta aos cavaleiros de Cristo.

Especificamente, examinamos como, na carta, Hugo construiu uma apropriação de elementos tradicionais do cristianismo para responder a problemas sociais vividos por ele e seus companheiros. Logo, ressaltamos que a carta é um exemplo de cristianismo militar. Argumentamos que as palavras de Hugo Peccator fizeram parte de uma reivindicação de alguns *milites* diante da sociedade de seu tempo. Uma reivindicação que tomou a forma de um escrito que dialogava com elementos da cultura de seu tempo.

Por outro lado, a carta e a constituição dos templários não foram somente um esforço de cristianização dos *milites*. Se consideramos a crônica de Guilherme de Tiro e a linguagem bíblica da missiva, podemos sugerir a força do cristianismo clerical na constituição dos templários. Porém, tal carta, assim como as fontes que dizem respeito aos templários, deve ser problematizada no contexto das relações entre a Igreja e a cavalaria no Ocidente. Se por um lado falamos de uma cristianização da *militia*, ou seja, de um esforço do clero em "disciplinar" a cavalaria, por outro, podemos falar de uma militarização do cristianismo, ou seja, a apropriação e a interpretação que os *milites* faziam dos referentes e das determinações clericais.

Demurger (2005, p.19) mencionou que a iniciativa de fundação da Ordem do Templo foi especificamente cavaleiresca, como podemos observar a partir da crônica de Ernoul. No entanto, apesar de alguns estudos recentes (CERRINI, 2009), a carta de Hugo ainda é pouco estudada. Quanto aos inícios dos templários, São Bernardo é mais analisado do que Hugo Peccator. Assim, temos que Barthélemy, em sua história da cavalaria, reserva um pequeno espaço a Hugo de Payns especificamente na parte que fala sobre a cavalaria cristã. Para analisar os inícios da Ordem do Templo, este autor valorizou o tratado de são Bernardo (BARTHÉLEMY, 2007, p. 275-278).

Assim, através deste artigo, pretendemos esboçar um breve exame sobre a concepção de guerra e cavalaria evidenciada por Hugo. Propomos, também, uma abordagem das relações entre Igreja e cavalaria como referência primordial para a abordagem dos templários e como passo inicial para um estudo mais detalhado. Podemos sugerir, a partir da carta de Hugo Peccator, uma análise das respostas para

suas demandas, seja no *De Laude Novae Militiae* ou nos documentos papais.

Fazer tal comparação poderá aprofundar nosso conhecimento sobre os inícios da Ordem do Templo e proporcionar um profícuo estudo acerca das especificidades sociais nas quais os templários estavam inseridos. Seja uma investigação comparativa, que evidencie o afastamento ou a aproximação de intenções e interesses entre Hugo e os discursos eclesiásticos ou uma leitura da carta considerando os problemas das Cruzadas. Tais pretensões apontam a importância do documento como algo fundamental para a construção da identidade dos templários e dos discursos eclesiásticos na segunda metade do século XII.

Segue-se a tradução que realizamos do texto latino da carta de Hugo Peccator:

Hugo Peccator

Aos cavaleiros de Cristo, no Templo de Jerusalém, cuja observância de sua devoção, através da freqüência religiosa os fez santificados: lutar, vencer e coroar em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

1 – Quanto mais, irmãos caríssimos, o diabo vela para a nossa decepção e subversão, tanto mais, nós, pelo zelo da circunspecção, devemos vigiar com precaução não somente contra o mal, mas igualmente no bem. Pois, que o primeiro esforço do diabo é que nos arraste para o pecado, o segundo é que corrompa nossa intenção em obrar bem, o terceiro que, como sob aparência de progresso, nos faça, na instabilidade do bem, afastar da intenção de obrar pelo propósito virtuoso. Para acautelar-se com a primeira má fé, a Escritura diz: "filho, cuide que você não consinta em nenhum pecado" [Tb. 4,6]. Para acautelar-se do segundo, diz em outro lugar: "fazem bem pelo bem" [6], pois não faz bem quem, na boa obra procura sua glória e não a de Deus. Para acautelar-se com a terceira má fé, em outro lugar diz: "fica em teu lugar" [Dn. 10,11], como quem não deseja estar em seu lugar – a partir do que é conhecido agir pelo que é devido – por mente inconstante, sempre é raptado por apetite diverso; para corrigir esta leviandade e inconstância o Apóstolo diz "cada um permaneça na vocação que foi chamado" [1Cor. 7, 20]. "Um neste, outro naquele" [1Cor. 7, 7]. Veja irmãos, se todos os

[6] Esta passagem não está na Bíblia.

membros do corpo têm um único ofício, o corpo não pode sobreviver. Que o Apóstolo seja ouvido: "se o pé dissesse: 'eu não sou um olho, portanto eu não sou parte do corpo', ele ainda não é parte do corpo"? [1Cor. 12,15]. Freqüentemente, os que são mais humildes, são os mais úteis. O pé toca a terra, mas suporta todo o corpo. Não enganeis a vós próprios: cada um aceite a recompensa segundo seu labor. Os tetos das casas suportam a chuva, o granizo e os ventos; mas, se não existissem os tetos, por quê pintariam as casas com ornamentos?

2 – Falamos nisso, irmãos, pois ouvimos alguns de vós serem perturbados, por quaisquer indiscretos, que dedicais vossa profissão, vossa vida para portar armas contra os inimigos da fé e da paz em favor da defesa dos cristãos; de modo que, digo, aquela seja ilícita ou perniciosa, isto é ou pecado ou impedimento para o progresso maior. Por causa disso é que já disse a vós por que o diabo não dorme: pois sabe que vós não ouvireis nem consentireis se ele quisesse vos aconselhar o pecado. Por esta razão, não diz para vós: "embriagai-vos em contenda e fornicais em detração". Escapais do primeiro labor dele ao rejeitar o pecado. Do mesmo modo, no segundo labor abatestes o adversário: em verdade, na paz lutais com a própria carne através de jejuns e abstinência, porém, como na obra da virtude ele tenha sugerido a soberba, lutastes com armas, resististes e vencestes no combate contra os inimigos da paz que injuriam ou querem injuriar. Por outro lado, aquele inimigo invisível, que sempre atenta e que persegue cruelmente, se esforça para corromper vossa boa obra, a qual fazeis com razão e justo zelo. E como ele tenha sugerido o ódio e o furor enquanto vós matais e a cupidez enquanto vós espoliais, pois ele trabalha na intenção de corromper a origem dos motivos, vós, em toda parte, repelistes o ardiloso, pois ao matar não odiais iniquamente e ao espoliar não cobiçais com injustiça. Por esta razão, verdadeiramente digo: "não odiais com iniquidade", pois não odiais o homem, mas a iniqüidade [do homem]. Por esta razão verdadeiramente digo: "não cobiçais com injustiça", pois recebeis com justiça isto que é tomado deles por causa dos pecados e para vós é devido pelo vosso labor: "verdadeiramente, o trabalhador é digno de seu salário". "Se, em verdade, não é atada a boca do boi que tritura [os grãos], de que forma é negada a recompensa ao homem que trabalha?" [1Tim. 5,18]. Se o prêmio é entregue ao homem que revela

as palavras para edificação os próximos, não deve ser recompensado o homem que dispõe sua alma para ser preservada a vida dos próximos [Jo. 15,13]?

3 – Disse por esse motivo, pois o diabo tinha sido vencido nessa parte. Ele não encontra alguma coisa em vós, onde certamente é sincera a ação e a intenção. Por causa disto, para outra luta ele se transfere. De certo, enquanto não pode negar ser bom o que vós fazeis, ele trabalha para fazer que, no bem que vós fazeis, não tenhais perseverança, a qual é a consumação de todo bem. Ele concede ser bom [aquilo que fazes], o que não pode negar, mas aconselha, em beneficio de bem maior, o menor bem dever ser abandonado, não para que faça aquilo, mas para que não faça. Ele não olha por aquilo que diz, ele somente faz vos distrair de vosso propósito. Por tudo, ele deseja que saiais deste lugar onde estáis. Por isso, promete grandezas afim de vos fazer sair para que, quando tenha vos expulsado, não vos deixem ir para aquilo, nem voltar para isto. Esta é a artimanha do inimigo, esta esperteza, esta astúcia que desejara vos suplantar. Por isto, vos mantenhais e resistais ao[s] vosso[s] adversário[s], dragão e leão: verdadeiramente ele vem como leão que vos quebra e vem como dragão para que vos apanhe em uma armadilha. Portanto, não acreditais em nada. Tenha como suspeita qualquer coisa que o inimigo sugira, embora pareça bom. Recordais o que este esperto que persuade tenha dito a vossa mãe: "comais, disse, e sereis como Deus" [Gn. 3,5]. Vejais de que modo ele promete divindade, afim de que ensine desprezar a humanidade. Vós, portanto, irmãos, experimentados com a primeira fraude, estejais circunspectos e não recebais conselhos, sem esforço, que vos exortem ascender com avidez à divindade. Recordais que vós sois homens, possuís com humildade o que Deus imputou, sustentais pacientemente o que Deus dispôs a respeito de vós.

4 – E se por acaso o desejo de [ingressar em uma] alta ordem tenha vindo à mente, por que se informais que em toda ordem aquele que é o maior é o melhor, Judas é atirado do cume do apostolado e o publicano que humildemente se acusa é justificado. Se o lugar pudesse salvar, o diabo não cairia do céu. Pelo contrário, se o lugar condenasse, Jó não venceria o diabo no esterco do porco. Por conseguinte, refletidamente, nem o lugar nem o hábito é alguma coisa junto a Deus.

Pois o Apóstolo Paulo disse: "nem a circuncisão, nem o prepúcio, mas a nova criação" [Gl. 6,15]. Se, portanto, o progresso encanta, e desejais ascender no melhor, não queirais voltar os olhos para isso que está externo, voltais os olhos para o interior, onde Deus vê. Então, a ascensão é boa onde está a verdadeira virtude. Em verdade, é dito com justiça: "dispôs em seu coração a ascensão; eles caminham de virtude em virtude, o Deus dos deuses é visto em Sião" [Sl. 83. 6-8].

5 – Mas, talvez é dito que a vossa ocupação vos distrai pelo exterior e leva ao impedimento do progresso eterno e da ascensão espiritual. Vós desejais a paz e a quietude afim de que possais desfrutar de Deus. Em verdade, vós que dizeis isto: "a solidão é amiga da contemplação", tendes zelo por Deus, mas não segundo a ciência [Rm. 10, 2]. Verdadeiramente "ignorais o que pedes" [Mt. 20,22]. Ouçais o que Cristo tenha respondido para vós, não a mim: "Vós desejais sentar à direita e à esquerda dele em seu reino; quereis sentar e descansar quando ele reina, mas não quereis trabalhar e fatigar quando ele batalha. O que vós pedis seria abençoado se, contudo, fosse justo. Por esta razão, pois não é justo o que pedis, desconheceis o que desejais". Em verdade, a ordem da justiça exige isto, afim de que quem deseja reinar não fuja do trabalho; quem queria a coroa não se subtraia da batalha. O próprio Cristo, quem vós deveis seguir, antes de ascender tranqüilo ao céu e para a direita do Pai, trabalhou para lutar na terra com os ímpios e com os homens maus. Vejais, irmãos: se deste modo dizeis, fosse para desejar repouso e paz, nenhuma ordem subsistira na Igreja de Deus. Assim, os próprios eremitas não podem fugir a toda ocupação afim de que não vacilem em virtude do alimento, da vestimenta e de certas coisas do mundo necessárias à vida. Se não houvessem os que aram, os que semeiam, os que colhem e os que preparam [os alimentos], o que fariam os contempladores? Se os Apóstolos dissessem a Cristo: "queremos vagar e contemplar, não discorrer, não laborar, e estar longe das contradições e das tensões dos homens". Se, portanto, os Apóstolos dissessem isso a Cristo, onde agora estariam os Cristãos?

6 – Por causa disso, vejais, irmãos, de que modo o inimigo, sob o disfarce da piedade, esforça-se por conduzir-vos à armadilha do erro. A virtude dos homens não é fugir da inquietação, mas do crime, não do exercício do corpo, mas da perturbação da mente. O servo de Deus

soube permanecer quieto na ocupação e inabalado pela distração, satisfeito conheceu a sua sorte, afim de que não afaste inconsideradamente a disposição divina, nem contradiga com soberba a vontade de Deus. Verdadeiramente, ele é o Senhor e nós somos seus servos e ele constituiu cada um em sua grande casa, que tem a [seguinte] lei: quem foi mais humilde no ofício da assistência, seja o mais considerado no benefício da retribuição. Agora, em verdade, a tentação inimiga em nenhuma ocasião permite estar quieto o coração dos infelizes: aos superiores sugere a falta de esperança a partir da proeminência, aos inferiores sugere a indignação a partir da sujeição; ele diz que os senhores não possam se salvar a não ser que rejeitem a incumbência da proeminência; aos servos diz que não sejam participantes da religião, pois não participam do senhorio. Oh, fraude inimiga! Quando cessarás? De que modo o anjo Satanás é transfigurado em anjo de luz? [2Cor. 11,14]. Se o diabo aconselhasse procurar as pompas do mundo, seria fácil reconhecer a fraude dele; agora, ele diz aos cavaleiros de Cristo que deponham as armas, que não façam guerras, que fujam do tumulto, que se dirijam pra o afastamento, afim de que, enquanto pretexta uma espécie de humildade, se suprima a verdadeira. O que é ser soberbo senão desobedecer isto que foi imposto para si a partir de Deus?

7 – Logo, deste modo, abalados os superiores, Satanás se volta para os inferiores a fim de subvertê-los, ele diz: "por que razão trabalhais inutilmente? Por que despendeis tanto esforço em vão? Esses homens, aos quais vós servis, vos fazem participantes dos labores, mas não desejam vos admitir na participação da fraternidade. Quando chegou a homenagem dos fiéis para os cavaleiros do Templo? Então, nenhuma menção é feita, nenhuma recordação e, enquanto quase todo labor corporal vos persiga, todos os frutos espirituais transbordam para eles [e não para vós]. Vos retirais, portanto, desta sociedade e em outro lugar ofereçais a Deus o sacrifício de vosso labor, onde vosso zelo da devoção seja manifesto e frutuoso". Vejais irmãos, as muitas formas do enganador, de que modo ele se converte em todo o gênero de fraudulência: aqueles ele faz murmurar porque são proeminentes e conhecidos, estes ele faz murmurar, pois são subservientes e ignorados, como se de algum modo eles não fossem conhecidos por Deus, pois não são lembrados pelos homens. Contudo, vejais irmãos, pois, este

insensato foi feito vosso tentador. Verdadeiramente, estimo que ninguém que seja sábio entre vós ignore que toda virtude é mais segura quanto é mais oculta. E qualquer dos fiéis não deve duvidar que, todo aquele, por qualquer parte, posto em sociedade entre os que servem a Cristo, que seja participante do labor, faça, sem equívoco, parte da retribuição dos encargos. Se, tens pensado desta maneira, caríssimos irmãos, tens assegurada a paz de vossa sociedade.

A Paz de Deus seja convosco.

Referências

Fontes

BÍBLIA SAGRADA – Tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas/ Edições Loyola, 2002.

ERNOUL. *Chronique d' Ernoul*. In: MAS LATRIE, Louis de (ed.) **Chronique d' Ernoul et de Bernard Trésorier.** Paris: Vue de J. Renouard, 1871, p.

GUIDO DOS CARTUXOS. *Lettre à Hugues, prieur de l'Ordre du Temple*. In: UN CHARTREUX (ed.). **Sources Chrétiennes,** v. 88, t. 01. Paris: Éditions du CERF, p. 154-161.

GUILHERME DE SAINT-THIERRY. *Vida de Sam Bernardo*. In: SHARPE, Lawrence A. (org.). **The Old Portuguese: Vida de Sam Bernardo.** Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 1971, p. 47-91.

_____. *Vita Prima*. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Latina** - Patrologiae: cursus completus. Series secunda, in quo prodeunt patres, doctores scriptoresque eclesiae latinae – a Gregorio Magno ad Inocentium III, v. 185, t. 01. Paris: J. P. Migne, 1855, p. 225-268.

GUILHERME DE TIRO. *Historia Rerum in Partibus Transmarinis Gestarum*. In: MIGNE, J. P. (ed.). **Patrologia Latina** - Patrologiae: cursus completus. Series secunda, in quo prodenunt patres, doctores scriptoresque eclesiae latinae – a Gregorio Magno ad Inocentium III, t. 201, Paris: J. P. Migne, 1855.

HUGO PECCATOR. *Lettre aux Milites Christi*. Apud: LECLERQ, Jean. Un document sur les débuts des Templiers. In: **Revue de l'Histoire Ecclésiastique,** nº. 52, 1957, p. 86-89.

SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *De Laude Novae Militiae*. In: EMERY, Pierre-Yves (org.). **Sources Chrétiennes,** v. 367, t. 31. Paris : Éditions du CERF, 1990, p. 48-133.

Bibliografia:

BARTHÉLEMY, D. **La Chevalerie:** de la Germanie antique à la France du XII[e] siècle. Paris: Fayard, 2007.

DEMURGER, Alain. **Les Templiers:** une chevalerie chriétienne au Moyen Âge. Paris: Seuil, 2005.

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. **O Que é Imaginário?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

LECLERCQ, Jean. *Un document sur les débuts des Templiers*. In: ***Revue de l'Histoire Ecclésiastique*****,** nº. 52, 1957, p. 81-91.

RAMOS, Gregório Diez (ed.). **Obras Completas de San Bernardo**, v. 02. Madrid: BAC, 1953-1955.

SALLES, Bruno Tadeu. **A Conquista do Paraíso se Faz pela Guerra:** São Bernardo de Claraval e sua concepção acerca da luta e da cavalaria (1090-1153). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FAFICH, março de 2008.

_____. **A Ordem dos Cavaleiros de Cristo e a Formação do Império Ultramarino Português (1319-1568).** Monografia de aluno. Belo Horizonte: FAFICH, dezembro de 2003.

SENELLART, Michel. **As Artes de Governar.** 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

CERRINI, Simonetta. **La Révolution des Templiers:** une histoire perdue du XIIè siècle. Paris: Perrini, 2007.

Artigo recebido em 11/11/2009 e aceito para publicação em 28/12/2009.